

# Os Cristais de Fulano de Tal

**B**rinda-nos com um incrível material literário a Editora 34. Trata-se de *A Noite dos Cristais*, de autoria de Luís Fulano de Tal. Estranho pseudônimo de Luís Carlos de Santana. O livro, uma belíssima viagem à Bahia escravocrata da primeira metade do século passado.

Conta o autor em seu “Ledor” que o livro foi parido no Crusp – o alojamento da USP – entre janeiro e março de 1995. Conta mais: que ao escrever chorava, ria, se emocionava. “Eu vi Deus”, observa de forma grandiosa. É bem possível.

O livro conta uma história interessante: um estudante de letras, de francês, vai

a Caiena, Guiana, familiarizar-se com a língua. Lá, ele encontra o manuscrito quase indecifrável de um ex-escravo, Gonçalo Santanna, que conta as aventuras de sua vida. É com base nesses manuscritos que se articula a novela. Noite dos cristais é antes de tudo um referencial, pois faz alusão à Revolta dos Malês, que conturbou a vida de Salvador em janeiro de 1835. Arrisco dizer que, se o livro ficasse apenas na descrição dessa insurreição muçulmana num Brasil ainda quase colonial, ele já faria todo sentido. Mas a revolta é apenas um dos momentos do texto. Sua riqueza excede esse limite.

Começemos pelo nome do autor, Luís

**FRANCISCO COSTA**  
é jornalista.

*A Noite dos Cristais*, de  
Luís Fulano de Tal, São  
Paulo, Editora 34, 1999.

Fulano de Tal. Tudo indica que o pseudônimo se deve ao fato, comentado no livro, de que é impossível para um negro, hoje, saber de sua procedência. De que região da África provém o escritor? Passado tão pouco tempo da libertação dos escravos, as genealogias se perderam. Não é possível dizer que esse ou aquele negro tenha vindo do Benin, do Congo, da Nigéria ou da Costa do Marfim. No texto, isso fica evidente pela obsessão do autor em referir continuamente etnias e mais etnias: “Todos por um motivo ou por outro eram compadres entre si. Os malungos, co-irmãos de sofrimento na travessia. Os Falachas, por serem judeus; outros, por serem animistas, Jejês e Nagôs; os que eram de Angola ou do Congo; por serem Yorubás, os Nagôs, Egbas e os Ketus; aqueles por serem daomeanos do grupo Jejê, os Krumans e Haussás, os Agnis e os Zenas; vários por seguirem o Islão, os Haussás, os Tapas, os Bornus e os Gurunsis (galinhas); numerosos Bantos, os Cassangues, os Bangalas, os Dembos, os de Cabinda e os Benguela; outros ainda, por serem de Moçambique; os Macuas e os Angicos, e sempre e mais e mais as relações se estreitavam. Cada um para não ser tragado por uma massa indistinta, procurava resgatar os valores de sua terra”.

Tomando como mote o estudo dos manuscritos encontrados, Luís Carlos de Santana – cujo sobrenome se confunde com o do personagem Gonçalo – na verdade reconstituiu a vida de Salvador do começo do século XIX. Sempre sob a ótica do negro. O menino Gonçalo, filho dos negros

forros Amaro e Maria Flora, observa a vida da cidade se movimentar à sua volta e vai descrevendo de forma inocente situações que aguçam a inteligência e fustigam a curiosidade. É dessa forma ingênua, por exemplo, que ele vai descrever a primeira reunião de muçulmanos negros na cidade da Bahia: “Assistíamos a uma reunião de um grupo de arabistas *in loco*. Usavam turbantes, túnicas ricamente detalhadas e variados tipos de colares e pulseiras. O mais alto entre eles, um preto retinto, cofiava pensativamente o cavanhaque”.

Já posso adivinhar o que irá dizer certa crítica azeda a respeito de *A Noite dos Cristais*: “a escritura é muito ingênua, e trata todos os assuntos de forma meio impessoal, quase burocrática”. A esses, conviria notar que o trabalho de pesquisa é de alto calibre, e que a engenhosidade, a forma, é, sim, grande. E o que, por um acaso, poderia faltar em emoção, sobra em tenacidade e em riqueza de detalhes. Se poderia observar ainda que poucas obras escritas nesse nosso Brasil produziram imagens tão vivas da sociedade soteropolitana do século passado, como estas narradas por Luís Carlos Santana. Seu texto traz todos os ingredientes que despertam o interesse: a pesquisa, rica, a época, instigante, um fio condutor circular, que não se limita a uma única direção.

Já era hora de surgir neste país um escritor negro que começasse a problematizar a condição de sua etnia. Luís Fulano de Tal, ou melhor, Luís Carlos de Santana, mostra com habilidade que é um escritor que veio para ficar.